

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo Class.: Camp. Mogno '92

Data: 19/11/92 Pg.: 8 - O país 89

Greenpeace faz protesto no sul do Pará

Ativistas impedem corte de mogno em Rio Maria

Gláucio Dettmar

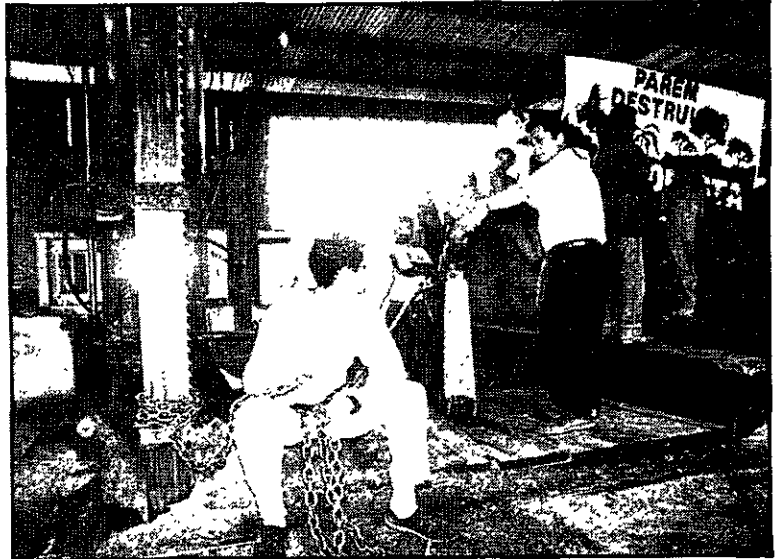
AMAURI TEIXEIRA

RIO MARIA, PA — Conhecido por suas ações ousadas em defesa do meio ambiente, o Greenpeace estreou na Região Amazônica com uma atuação tímida. Em Rio Maria, no sul do Pará, ativistas do Greenpeace paralisaram, terça-feira, por uma hora e 15 minutos, o corte de mogno na madeireira Maginco, uma das maiores exportadoras do país. Apesar de terem escolhido para o protesto pela exploração predatória da madeira uma das regiões mais violentas do país, o Greenpeace levou poucos ativistas a Rio Maria e a manifestação foi sem consequências.

Vestidos de macacão branco, os cerca 20 ativistas se acorrentaram nas toras de mogno e, junto com outros 20 representantes de sindicatos rurais, formaram um cordão humano, impedindo o funcionamento de umas das serras.

— O mogno está em extinção e queremos que o corte seja paralisado até que se defina uma política racional para a reposição das árvores derrubadas. O prejuízo causado ao meio ambiente com a derrubada predatória do mogno é incalculável — afirmou o coordenador da Campanha de Florestas Tropicais do Greenpeace no Brasil, José Augusto Pádua.

Além de estar entre as primeiras exportadoras de mogno, a Maginco foi escolhida como alvo da ação do Greenpeace porque um de seus donos, Danilo Remor, é presidente da Associação dos Exportadores de



Ativista do Greenpeace, acorrentado na madeira, impede que ela seja cortada

Madeira do Pará e do Amapá (Aimex). Surpreso com a manifestação, Darcy Remor, irmão de Danilo e responsável pela Maginco, chegou a ficar irritado com a presença dos jornalistas e deu um tapa no microfone de uma emissora de TV. Depois, mais calmo, negou as acusações do Greenpeace de que sua madeireira retira mogno de reservas indígenas e disse que existe um trabalho de reflorestamento da madeira. Ele admitiu, no entanto, que o mogno está em extinção na região sul do Pará. Um funcionário da madeireira que não quis se identificar disse, porém, que parte das toras de mogno tinha sido trazida da reserva Kokreimoro, área indígena Caiapó.

Fundado em 1971, o Greenpeace tem escritório em 29 países e cinco milhões de associados. No Brasil desde janeiro deste ano, a organização tem 1.100 associados e cerca de 60 ativistas, que participam das ações como voluntários.

Madeireiras são acusadas de não respeitar a lei

RIO MARIA, PA — Um dossiê elaborado pelo Greenpeace no Brasil denuncia que madeireiras que atuam no sul do Pará estão cortando árvores de mogno em áreas proibidas, principalmente em reservas indígenas e em áreas de preservação ambiental. Segundo o dossiê, para retirar o mogno, as madeireiras teriam contruído três mil quilômetros de estradas em reservas indígenas e em terras devolutas.

Na reserva ecológica de Guaporé, em Rondônia, teriam sido derrubadas 45 mil árvores de mogno, e na reserva Gurupi, entre o Pará e o Maranhão, onde vivem vários grupos indígenas, o trabalho de corte do mogno é garantido por pistoleiros.